

# **RESENHA**



**RESENHA** do artigo 'Sobre o conceito de edição crítica', de Leodegário A. de Azevedo Filho, publicado no Anuário HVMANITAS, na revista do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal, n.º 58, 2006, 634 pp., organizado por Francisco Oliveira, em homenagem ao Professor Doutor Sebastião Tavares de Pinho.

**Antônio Martins de Araújo**  
(da UFRJ e da ABRAFIL)

Em muito boa hora, a histórica Universidade de Coimbra acaba de brindar o mundo lusófono com um alentado número de seu importante anuário HVMANITAS, quase inteiramente dedicado à cultura greco-romana, em homenagem, muito oportuna e justa, ao Professor Doutor Sebastião Tavares de Pinho.

Entre os humanistas que foram objeto de seus próprios estudos sobreleva citar os seiscentistas José de Anchieta, André de Resende, Jorge Coelho, Aires Barbosa, Luís de Camões, Damião de Góis, Dom Jerônimo Osório e Giovanni Baptista Mantuano.

Já dentre suas traduções, impõe-se citar a das *Catilinárias* e a da *Amizade*, de Cícero, e a da *Carta à Rainha da Inglaterra, Isabel I*, do mesmo Dom Jerônimo Osório, atrás citado. Um detido exame das publicações, com que se inicia o periódico, revela quase uma centena de trabalhos seus, que vêm desde 1972 até o ano recém-findo.

Assim, amigos e colegas seus, notadamente de Portugal, da Espanha, do Brasil e da Inglaterra, participaram desse número da coletânea com importantes ensaios direcionados para o mundo antigo greco-romano.

Nada menos que vinte e oito substanciosos ensaios focalizaram essa rica herança clássica, bem como dezenove recensões críticas analisam obras que se vieram a editar nestes últimos dez anos em torno desse afortunado acervo cultural.

Apreciaríamos imenso poder recensear outros estudos ali encontrados, assinados por diletos amigos nossos, como os de Amadeu Torres, Aníbal Pinto de Castro, Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes, entre outros, porém, limitado pelas exigências de espaço e tempo, recensearemos tão-somente o ensaio 'Sobre o conceito de edição crítica', de Leodegário A. de Azevedo Filho, e o próprio editor crítico de oito de volumes da *Lírica de Camões*, que a Imprensa Nacional / Casa da Moeda, de Portugal, vem publicando desde 1985. Restam ainda quatro volumes a serem editados.

Apóia-se o Prof. Leodegário Azevedo Filho em cerca de trinta obras que considera fundamentais sobre Ecdótica e Crítica Textual, em que se destacam as dos italianos D'Arco Silvio Avalle, Michelle Barbi, Alberto Chiari, Cesare



Segre, F. Bartoloni, Giuseppe Tavani e Sebastiano Timpanaro; dos franceses Joseph Bédier, Robert Marichal e Henri Quentin; dos alemães Hermann Fränkel e Paul Maas; dos ingleses Eduard B. Hamm e E. Vinaver; dos brasileiros Antônio Houaiss, Emmanuel Pereira Filho e Celso Ferreira da Cunha; e do espanhol Alberto Blecha, cujo *Manual de crítica textual* (Madrid: Castalia: 1983), a nosso ver, é uma das mais completas no gênero.

Após passar em revista os quatro tipos de edição de textos, vale dizer: a mecânica, a diplomática, a diplomático-interpretativa e a crítica, o A. do artigo mostra que a Crítica Textual ou Verbal se insere na própria Ecdótica. Enquanto aquela, esmiúça o articulista, é singular, e se preocupa em estabelecer um dado texto; a outra tem visão plural, pois praticamente abarca todos os problemas que dizem respeito à técnica e à arte de editar qualquer texto.

Cita ainda o percurso que a Crítica Textual palmilhou desde o período grego, o alexandrino e o romano, para pôr em relevo, em seguida, o papel renovador de Lachmann, e o de seus sucessores Dom Quentin e Joseph Bédier, em que pêsse às divergências dos dois últimos. Lembra, outrossim, que o principal papel da Filologia hoje é, através da análise e da compreensão dos textos, para que sejam corretamente editados (se for o caso de visarem a esse fim) segundo à última vontade consciente do seu autor.

Identifica e detalha, depois, cada etapa da elaboração de uma edição, a saber: a) *recentio* (levantamento do maior número de dados relativos ao texto); b) *collatio* (o cotejo dos códices existentes de uma dada obra); c) *eliminatio codicum descriptorum*, fase em que o editor poderá ter de recorrer à Diplomática, à Codicologia, à Paleografia, à Escripologia e à Grafemática; d) a classificação estemática da tradição manuscrita e a da impressa desse texto, caso as haja disponíveis; e) *interpretatio*, etapa que, devidamente percorrida, poderá exigir do editor o que se vem a chamar de: f) *emendatio*, com vista à etapa seguinte, qual seja: g) *constitutio textus*, que pressupõe a fase de interpretação e a de seleção do material a editar; h) apresentação crítica do texto reconstituído; e, finalmente: i) preparação do aparato crítico das variantes.

Cinco são, a seu ver, as etapas que a Filologia Clássica tem de percorrer para a realização de emendas conjecturais, a saber: a) *interpungere*, que quer dizer *pontuar*; b) *mutare*, o mesmo que *mudar* (as letras e/ou palavras sem sentido); c) *transponere*, ou seja, *reordenar*, *dispor* as palavras de modo que dêem sentido à frase; d) *delere*, traduzindo: *apagar*, *suprimir* (palavras que, evidentemente, hajam sido inseridas por copistas despreparados ou desatentos); e, finalmente: e) *supplere*, que equivale a *completar* possíveis lacunas ou saltos, sejam elas emanadas de copistas, sejam elas emanadas do próprio autor. (Grifamos as palavras-chaves deste parágrafo).

Após mostrar a diferença entre os termos aplicados a textos, como autógrafo, apógrafo, idiógrafo e original, os quais, embora pertençam ao mesmo campo semântico, guardam notáveis diferenças entre si, discorre sobre as pos-



síveis dificuldades com que se costuma defrontar um editor diante de sucessivas variantes de um mesmo texto, para que ele possa respeitar o último ânimo do seu autor.

Não podemos encerrar esta recensão sem insistir sobre o fato de que o eminente acadêmico Leodegário A. de Azevedo Filho, que editou, em 2004, no Rio de Janeiro, pela H.P. Comunicação, sua obra *Base teórica de crítica textual*, é responsável pela criação de rigoroso sistema de crítica textual, que vem balizando a edição de seus volumes da *Lírica de Camões*, na busca de atribuir ao grande lusíada os poemas de sua incontroversa autoria. As diretrizes que elaborou para fazê-lo têm dado frutos na produção de seus seguidores, criando, assim, o que se tem convencionado chamar de a Escola Camoniana Brasileira. A esse respeito, poderíamos, sem dúvida, enriquecer assim um velho adágio: Dai a César o que é de César, e a Camões o que é de Camões.